

## ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA CECÍLIA DE SOUZA MINAYO

### INTERVIEW WITH UNIVERSITY PROFESSOR MARIA CECÍLIA DE SOUZA MINAYO

### ENTREVISTA A LA PROFESORA MARIA CECILIA DE SOUZA MINAYO

Adriana de Oliveira Alcântara<sup>1</sup>  
Áurea Barroso<sup>2</sup>  
Sandra Regina Gomes<sup>3</sup>  
Cristina Hoffmann<sup>4</sup>

Nas próximas linhas, lemos as palavras da Professora Maria Cecília de Souza Minayo a respeito de um pouco da sua história de vida, da infância à velhice. Conhecer uma brecha desta particularidade, reforça quão potente e transformadora é a educação. O caminho é este e não podemos abrir mão. Nesta entrevista, a renomada pesquisadora, para além de suas considerações acerca do preconceito contra a última fase da vida, nos leva a refletir que mérito ou esforço individual não se compatibiliza com justiça social. Daí a imprescindibilidade da implementação de políticas públicas eficazes, cuja dimensão coletiva sempre deve ser o farol no combate às desigualdades sociais. É uma conversa sobre velhices, modos de envelhecer e de como a nossa educação nos direciona a perceber e tratar velhos e velhas.

Maria Cecília de Souza Minayo nasceu numa cidade do interior de Minas Gerais chamada Rio Piracicaba. É a terceira filha e a primeira mulher de uma família com onze filhos. Iniciou os seus estudos numa escola “da roça” onde os alunos da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> séries estudavam juntos com uma professora muito competente e muito brava. *Dela se dizia – da escola de Dona Ruth ninguém sai sem aprender*. Seus pais prezavam sobremaneira a escolaridade das filhas e

<sup>1</sup> Assistente Social, Mestre em Gerontologia, Dra. em Antropologia Social e Pós-doutora em Políticas Públicas. Professora do Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP-UFC). E-mail: [alcantara2002@yahoo.com.br](mailto:alcantara2002@yahoo.com.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4590-7509>.

<sup>2</sup> Pedagoga, Mestre em Gerontologia, Dra. em Serviço Social. Pós-doutoranda em Gerontologia (EACH/USP). E-mail: [barrosoaurea@gmail.com](mailto:barrosoaurea@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6180-6209>

<sup>3</sup> Fundadora e Diretora da Longevida - Consultoria na área do Envelhecimento. Fonoaudióloga, Especialista em Gerontologia pela SBGG, Mestre em Gestão e Políticas Públicas, Doutoranda em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional-UnB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Envelhecer Cidadão- UnB. Membro do Grupo de Trabalho da Avaliação Biopsicossocial da Deficiência - Ministério de Direitos Humanos e Cidadania. E-mail: [sanrgomes@gmail.com](mailto:sanrgomes@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1015-0489>

<sup>4</sup> Psicóloga Sanitarista, Especialista em Saúde Coletiva e em Gestão da Saúde da Pessoa Idosa e Envelhecimento populacional, Mestre em Saúde Pública e Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura, pela UnB. Consultora para Envelhecimento Saudável da OPAS/OMS. E-mail: [cristinaclhoffmann@gmail.com](mailto:cristinaclhoffmann@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6461-0201>

dos filhos (8 meninas e 3 meninos) para que fossem independentes e capazes de se sustentarem.

A professora nos contou que foi testemunha dos enormes sacrifícios financeiros dos pais para que ela e as irmãs estudassem num colégio de freiras francesas que havia (e ainda há) em Itabira. Explicou que eram internas, pois os meios de locomoção e comunicação eram muito precários – gastavam nove horas de onde moravam até o colégio. Assim, só retornavam nas férias de julho e de dezembro. Como era costume na época para o segmento feminino, ela e as irmãs se formaram professoras (normalistas), porém, seguiram diferentes carreiras.

Também era recorrente a oferta de cursos de intensivos nos períodos de férias (uma espécie de cursos superiores), com habilitação para ensinar no curso ginásial, fez vários, como português e francês. E no curso normal: filosofia, sociologia e pedagogia. De professora em Itabira, foi exercer a profissão no Rio de Janeiro e cursou sociologia, sendo revalidada em Nova York, no Queens College of the City University of New York. Sua ida para outro país se deveu à repressão política, cujo marido sofreu perseguição.

Participava de atividades de um Instituto criado por Paulo Freire na época e financiado por movimentos sociais franceses. Dos EUA ela e o marido seguiram para Espanha e de lá voltaram para o Brasil em 1979, com a abertura política no país. Grávida da segunda filha, empreendeu uma ininterrupta busca de formação profissional e de emprego, numa conjuntura de uma terrível crise econômica, período demorado para a estabilidade.

Ingressou na Fiocruz em 1985 como pesquisadora visitante, depois realizou concurso, concluiu o doutorado e com as suas palavras – *daí para frente, já bastante velha, 50 anos fiz uma carreira da qual me orgulho*, a exemplo de ter orientado quase 200 mestres e doutores, paralelo a uma produção acadêmica ininterrupta. A marca da condição da mulher trabalhadora não lhe é alheia ao dizer que conciliou a vida de casada, o cuidado das filhas e trabalho como professora e orientadora, lembrando que foi vice-presidente da Fiocruz e Primeira Presidente mulher da ABRASCO.

Portanto, conforme contabiliza – *desde o início da carreira tenho 66 anos de magistério, carreira que me dá muito orgulho, pois foi sempre acompanhada de engajamento social. Meus livros e artigos – alguns escritos apenas por mim, outros em companhia de ilustres ex-alunos e ex-alunas, são formas de compartilhar conhecimentos, todos escritos com uma linguagem acessível aos estudantes e ao público das mais diferentes áreas.*

Ademais, a professora elenca algumas de suas importantes premiações: a medalha Oswaldo Cruz outorgada pelo Ministério da Saúde; o prêmio de Direitos Humanos outorgado pela Presidência da República; a medalha do mérito como cidadã do Estado do Rio de Janeiro, outorgada pela Assembleia Legislativa; a medalha Virgínia *Shall* de Educação em Saúde; Destaque Cientista Mulher pela Fundação Oswaldo Cruz. De forma breve, conclui a sua história pessoal e profissional, nos participando de que em 2022 fui informada pela UNESCO de sua premiação na *The World Academy of Sciences* (TWAS) na área de *Social Sciences*.

**Adriana Alcântara - Você poderia nos contar sobre a sua infância e que lembranças traz da velhice, a exemplo da convivência e das aprendizagens?**

Minha infância foi a de uma menina feliz, com pais atentos e dedicados, numa casa simples e farta, cercada de irmãos e irmãs. Convivi com poucas pessoas idosas na infância. Meus avós morreram relativamente jovens e só conheci a avó materna. Adorava ir à sua casa, dormir lá, mas não me lembro muito dela. Uma lembrança bastante significativa que tenho é a de uma velhinha muito enrugada que vivia na janela de sua casa olhando a rua. Quando alguém passava e ria, ela dizia: “ri, ri, a porteira está aberta!” Essa imagem de “roça” da velhice como uma porteira pela qual temos que passar depois dos 60 anos, eu a repito até hoje em minhas palestras. Ninguém que sobrevive, deixa de cruzar esse limiar que separa a juventude, a adultez e a velhice.

**Adriana Alcântara - Como vê a juventude hoje e o que pensa ser pertinente recomendar para as novas gerações?**

Eu sempre vi e vejo a juventude com muita esperança. Diferente, ousada, com novas formas de pensar e de agir, importante para consolidar a alma do Brasil ainda em construção, essa alma tão bonita e cunhada na diversidade. É claro que há jovens e há jovens: mas temos que acreditar que todos têm o potencial de crescer e de se desenvolver. Não podemos apresentar-lhes uma velhice derrotada e ressentida: é importante que tomem consciência, por meio de nossa forma de agir, de nosso poder e potencialidades e, o mais importante, saibam que “a porteira está aberta”, portanto a velhice não é problema dos idosos, mas um caminho que eles também vão percorrer. Eu não acho que a juventude esteja perdida e nem que nós idosos sejamos melhores que eles e que ninguém. Acho que cada época traz novidades e frescor e

---

que é muito bom quando nós, mais velhos, nos colocamos como aprendizes e agradecidos por viver esse tempo que é nosso também, e por termos passado por tanta coisa neste mundo.

***Cristina Hoffmann - No Brasil temos diferentes culturas, então, há estudos que identificam se há diferença na manifestação do idadismo, dependendo da região ou cultura que nela predomine?***

O idadismo tem contornos regionais e locais, mas sobretudo, ele é universal no tempo e no espaço. Nesse sentido, eu sugiro a quem nunca o leu, que se aprofunde no belíssimo livro de Simone Beauvoir *A velhice* ou *La Veillesse* traduzido para o português, que contém duas partes. A primeira mostra como as sociedades – desde as primitivas até as modernas - veem a velhice e tratam seus idosos. O livro chega até aos filósofos que mencionam o tema. Simone mostra que em todos os tempos há e houve preconceitos contra os velhos. É como se os jovens e adultos os estivessem empurrando para sair da frente, para dar passagem, para encaminhar-se para a sepultura. A segunda parte do livro é composta por uma visão de dentro para fora. Como é a vida através dos olhos de um cidadão idoso, dos pobres aos ricos, dos famosos aos desconhecidos. A autora examina mitos e realidades sobre a velhice. A autora apresenta provas de que os idosos ainda sentem as mesmas paixões que os mais jovens. A perspectiva de Simone de Beauvoir termina desafiando criticamente a marginalização e a negligência sofrida pelos idosos. Ela convida o leitor – que tem sempre a porteira aberta para a longevidade, - a mudar agora o seu futuro.

***Cristina Hoffmann - Passemos a falar sobre o impacto da interseccionalidade no idadismo. São várias as ações necessárias para enfrentarmos o preconceito e o estigma em relação às pessoas idosas. Qual seria a ação ou passo fundamental para este enfrentamento?***

O termo “interseccionalidade” talvez seja um dos mais mencionados hoje pelos cientistas sociais por causa das céleres mudanças culturais que nos envolvem. Interseccionalidade diz respeito ao imbricamento dos fatores em determinado fato, de acordo com a realidade a ser analisada e como objeto de práticas sociais. Por exemplo, sou uma idosa negra, pobre e de uma região periférica da cidade. Ao contrário, sou um homem branco, rico, vivo na região nobre de uma cidade. A combinação de **idade, gênero, cor e local de moradia** precisa ser levar em conta em qualquer análise da situação, no tratamento e nos cuidados com qualquer pessoa, devendo informar tratamentos e cuidados. Em resumo, interseccionalidade é um conceito

---

teórico, mas sobretudo, metodológico e prático para lidar com questões sociais (**grifos da entrevistada**).

**Áurea Barroso - A violência sempre fez parte da humanidade, em que momento nasce o conceito de violência?**

Preciso dizer, em primeiro lugar, que o conceito de violência nasce na sociedade moderna, a partir da Revolução Francesa. Não que não houvesse violência nas sociedades primitivas, na Antiguidade e na Idade Média. Havia e muita. Possivelmente mais que há hoje. Nas sociedades modernas a violência se torna um ato vil e repugnante porque ela se contrapõe aos direitos humanos declarados na Revolução Francesa e depois consolidados pela ONU. Assim, eu entendo que o oposto da violência é o processo civilizatório que se faz pelo reconhecimento do outro, dos outros, dos grupos e das nações. Segundo historiadores da violência, o que contribuiu para que os países europeus baixassem as taxas de homicídios (homicídio é o conceito central nos estudos de violência) de mais de 60/100.000 para 1 ou 0,5/100.000 na atualidade foram as melhorias das condições de vida, a educação formal e as leis de proteção ao trabalhador – mais do que os aparatos de segurança pública. Os dados da sociedade europeia do final do século XIX até hoje **mostram que é possível superar a violência**, resolvendo os problemas sociais. É claro que não se suprime a violência que está presente em toda a história da humanidade, mas ela pode ser controlada e reduzida pela **inclusão social e pelo reconhecimento de todos como cidadãos (grifos da entrevistada)**.

**Áurea Barroso - Por que atributos como caminhar devagar, palavras ditas pausadamente, olhar tranquilo que observamos em algumas pessoas idosas não são valorizados na nossa sociedade?**

Hoje vivemos numa sociedade em que a velocidade e a produtividades calculadas em métricas têm um lugar de destaque. Opinião minha: como vivemos numa cultura muito plural e diversa, há vários nichos que cultivam a reflexão e haverá muito mais. O mal é quando esse “é devagar, devagarinho” cantado por Martinho da Vila, se torna uma discriminação e não uma mostra de que a vida não precisa de correria: tempo, tempo, tempo! Muitos idosos se sentem deprimidos por não conseguirem seguir o ritmo que os adultos e jovens querem lhes impor. **O idadismo é uma forma de violência psicológica (grifo da entrevistada)**.

**Áurea Barroso - O que te move a estudar, pesquisar sobre o envelhecimento?**

Eu lhes diria que como, com meus 84 anos, não consigo fazer muitas coisas, faço o que sou capaz de fazer, o que me dá alegria, sobretudo procurando endereçar meus estudos para melhorar a compreensão do envelhecimento e das políticas públicas. todos os meus estudos (claro junto com colegas muito queridas e queridos) têm foco em projetos estratégicos passíveis de serem realizados.

**Sandra Gomes - Quais as prioridades no atendimento aos idosos dependentes? Como as políticas públicas de cuidados devem ser formuladas? Qual a sua opinião sobre o lugar social dos idosos dependentes? As pesquisas revelam que no Brasil os cuidados perpassam pela questão de gênero, como é em outros países?**

De todos os idosos, os que mais sofrem são os dependentes física, cognitiva, emocional e socialmente. Há vários trabalhos de autores brasileiros que mostram isso. Um estudo de Maria Fernanda Lima Costa, a partir da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013, mostrou que 30,1% dos idosos informaram ter dificuldades para realizar uma ou mais atividades da vida diária. Mais mulheres (56,4%) que homens. Os idosos e idosas com maiores limitações funcionais são os mais velhos acima de 75 anos, o que tende a aumentar porque o segmento que hoje mais cresce é o dos que têm 80 anos e mais, hoje no país. Entre os que mais precisam de auxílio, 5,7% não tinham ninguém com quem contar; 81,8% recebiam ajuda apenas da família; 5,8% tinham cuidadores formais e 6,8% recebiam ajuda mista. Esses números ainda que defasados, pois não temos ainda as análises da PNS 2019, mostram que a maioria (81%) só conta com a família, enquanto o Estatuto do Idoso reza que é papel do Estado, da Sociedade e da Família cuidar dessas pessoas, particularmente quando perdem a autonomia. Penso que todos os que trabalham com esse seguimento populacional primeiro precisamos tomar consciência de que este problema existe e tende a se agravar com o envelhecimento populacional acelerado. Não adianta apelar para os mecanismos tradicionais de ação como os Agentes Comunitários de Saúde e os Centros de Referência de Assistência Social. Claro que são muito importantes, pois têm um papel insubstituível de ação e de mediação, sobretudo nos locais mais pobres. mas o idoso dependente por doenças físicas e mentais precisam da ajuda de terceiros o dia todo, 24 horas por dia. E não é para isso que nem os ACS nem os CRAS foram criados. Por isso, minha proposta, a que estou chamando de minha obsessão, é a formulação de uma política específica, construída de forma coletiva e que possa contemplar todas as faces do envelhecimento dependente no país. Isso tem sido feito por todos os países europeus, Canadá e Estados Unidos. Vamos trabalhar para deixar este legado para as novas gerações!

Para quem quiser se aprofundar no tema da *dependência* eu indico um número temático da *Ciência & Saúde Coletiva*: 26(1): <https://www.scielo.br/j/csc/i/2021.v26n1/> Nele apresentamos resultados de pesquisas empíricas e analisamos inclusive sobre as políticas internacionais sobre o assunto.